



DEPOIS DO ARTIGO DE CÉSAR DE MAIA, PUBLICADO NA FOLHA DE S. PAULO, MAIS UMA VEZ, A MÍDIA PAULISTA ABRE ESPAÇO PARA QUE SE FALE MAL DE BRASÍLIA.



ESQUECEM-SE, OS PAULISTAS E OS CARIOCAS, QUE A TRANSFERÊNCIA DA CAPITAL, ALÉM DE CONSTITUCIONAL, FAZ PARTE DO PLANO ESTRATÉGICO DE INTERIORIZAÇÃO DO TERRITÓRIO NACIONAL.



OMITEM, OS DETRATORES DE BRASÍLIA, O FATO DE A CAPITAL MODERNISTA TER SIDO SONHADA, PLANEJADA E CONCEBIDA PELOS INTELLECTUAIS CARIOCAS E PAULISTAS.



OS DESEQUILÍBRIOS DO RIO VÊM DE UMA CULTURA POPULISTA E CLIENTELISTA, CULTIVADA POR SEUS POLÍTICOS E AVALIZADA PELA SUA POPULAÇÃO.



FALAM MAL DE BRASÍLIA Depois do artigo de César de Maia, publicado na Folha de S. Paulo, mais uma vez, a mídia paulista abre espaço para que se fale mal de Brasília. A bola da vez é o jornalista J. R. Guzzo, que assina um artigo, na última página da revista *Veja*, com o título "A capital perdida". Trata-se de mais um veículo de comunicação paulista abrindo espaço para malhar a nova capital. Acusam Brasília hoje como acusaram durante a sua construção, há mais de 50 anos. Culpam a capital modernista como se ela fosse a responsável pelos problemas do Brasil.

DETRATORES Esquecem-se, os paulistas e os cariocas, que a transferência da capital, além de constitucional, faz parte do plano estratégico de interiorização do território nacional, antes mesmo da proclamação da República brasileira. Omitem, os detratores de Brasília, o fato de a capital modernista ter sido sonhada, planejada e concebida pelos intelectuais cariocas e paulistas. Arquitetos, artistas e pensadores que desejaram implantar no Brasil o novo conceito de cidade traçado na famosa Carta de Atenas.

LUTO A propósito de homenagear o Rio pela conquista dos Jogos Olímpicos de 2016, o jornalista J. R. Guzzo acusa Brasília de ter cometido "(...) um ato de agressão perverso contra uma grande cidade brasileira: a expropriação da capital do país, tomada do Rio de Janeiro e transferida para Brasília". Guzzo vai mais longe e diz que a celebração do cinquentenário de Brasília "deveria ser um dia de luto fechado".

ESTRAGO J. R. Guzzo afirma ainda que "(...) nenhuma vantagem trazida pela nova capital compensou, nem de longe, o desmanche do patrimônio incomparável que a nação havia construído no Rio". Guzzo conclui seus ataques com uma acusação frontal a JK: "(...) comparado a Juscelino Kubitschek, em termos de estrago a longo prazo, o corsário Duguay-Trouin parece um benemérito".

FALTA DE VISÃO Emoções a parte, resta saber o que querem, afinal, esses homens que demonstram uma imensa falta de visão, associada a uma grande ausência de memória. Confundem governos com cidades. Misturam seus afetos com direitos e ainda se esquecem que os cidadãos é que escolhem seus governantes

e, portanto, devem ser responsáveis pelo sucesso ou insucesso da vida econômica, social e cultural das suas cidades.

DESEQUILÍBRIO E POPULISMO Que o Rio de Janeiro é a cidade maravilhosa que todos nós amamos, acho que não existe nenhuma sombra de dúvida. Mas que o carioca é responsável pela escolha dos seus governantes e da sua própria política, ao longo dos anos, isso também é irrefutável. Os desequilíbrios do Rio não podem ser atribuídos apenas à mudança da capital, à extinção do estado da Guanabara e sua anexação ao estado do Rio. Os desequilíbrios do Rio vêm de uma cultura populista e clientelista, cultivada por seus políticos e avalizada pela sua população. Afinal, riquezas, infraestrutura e belezas naturais lá sempre estiveram. Faltou aos seus homens estratégia política e visão administrativa para gerir tantas dádivas.

CAPITAIS MUDAM, CIDADES FICAM As capitais das federações podem mudar, e nem por isso suas ex-sedes deixam de existir como cidade. Washington substituiu Filadélfia. Camberra ocupou o espaço que antes fora de Melbourne. Essas duas cidades perderam o *status* de capital da federação e nem por isso perderam a posição de grandes centros urbanos. Melbourne é a maior cidade do estado de Victória, na Austrália, e a segunda maior região metropolitana do país. Filadélfia é a quinta cidade mais populosa dos Estados Unidos e a segunda maior cidade da costa atlântica do país, superada apenas por Nova Iorque.

ASSUMIR RESPONSABILIDADES Quem acusa Brasília das mazelas do Rio está desviando o foco do problema. O Rio precisa assumir as suas responsabilidades sobre sua própria história e administrar com competência suas belezas naturais e suas riquezas. Afinal, a cidade "abençoada por Deus e bonita por natureza" deveria saber honrar e multiplicar suas dádivas. O Rio precisa se inspirar em Brasília, cidade que, aos 50 anos, ocupa a oitava posição no PIB nacional, tem os melhores índices de educação, renda e qualidade de vida e ainda vem cumprindo com competência seu papel de centro irradiador de desenvolvimento no interior da nação, promovendo a integração do país e a ocupação do território brasileiro.